

"Dificuldades internas são maiores"

Economia - Brasil

por Walter Clemente
de Salvador

O Brasil pode não atingir o superávit comercial de US\$ 6 bilhões e conviver com atrasos de pagamentos de quase US\$ 1 bilhão. Mas essas questões não são fatais, segundo o ex-ministro Mário Henrique Simonsen. "Na frente interna as dificuldades são maiores", disse ele, sexta-feira, em Salvador. "O fluxo de caixa costuma melhorar no segundo semestre; nossos problemas internos geram estagnação e inflação."

Simonsen diagnostica o mal do Brasil em dois focos precisos: a falta de um orçamento federal unificado e a rigidez do sistema de indexação. "O sistema de orçamentos múltiplos adotado no Brasil é um convite à despesa e ao déficit", disse. E exemplificou: "Os encargos da dívida interna da União, dentro das disposições da Lei Complementar nº 12, são contabilizados no próprio giro da dívida, vale dizer, em lugar nenhum".

Depois de uma conferência de quase 5 mil palavras sobre as origens da crise e suas experiências, com que inaugurou a Fundação Baiana de Estudos Econômicos e Sociais, do ex-governador Antônio Carlos Magalhães, Simonsen foi bastante crítico: "O Brasil tem dois caminhos a escolher: um, é aprender as lições da experiência internacional e não insistir em sistemas que o mundo já abandonou; outro, é fechar-se nas próprias tradições e preconceitos para reinventar a roda".

Simonsen está convencido de que a unificação dos orçamentos numa única lei aprovada no Congresso já é uma exigência da abertura democrática. "Temos de

09 MAI 1983



Mário Henrique Simonsen

ter uma abertura econômica", disse. "E ela tem de passar pelo Congresso."

Para o ex-ministro, contudo, o "verdadeiro nó górdio" da economia brasileira é o sistema de indexação, como diz, inviável em qualquer lugar do mundo, como prova a experiência dos últimos vinte anos. Porém a lei salarial oferece uma resistência política à desindexação. E Simonsen lastima que assim seja.

(Continua na página 3)

Página 3

inícia

LETRAS DE CÂMBIO
melhores prazos e taxas

Fenícia



SIMONSEN

Economia - Brasil

"Dificuldades internas são..."

por Walter Clemente
de Salvador

(Continuação da 1ª página)

"O sistema deixa a política monetária assimétrica, contribui para a má composição dos gastos públicos, para a alta dos juros e conspira contra o nível de emprego."

Por sinal, Simonsen tem uma receita simples para a redução das taxas de juros: eliminar o IOF, reduzir o compulsório, tirar os limites de expansão ao crédito e baixar as taxas de "overnight". A única contra-indicação seria uma explosão da base monetária, que também poderia ser controlada: "Cortando, de um golpe, todos os subsídios".

Os anticorpos aparecem exatamente nessa fase do tratamento, segundo Simonsen: "Temos uma charada sem solução; como fazer esse corte numa economia cujo sistema de indexação transforma altas corretivas de preços em inflação permanente?"

O EMPREGO

O emprego é parte da síndrome dessa doença brasileira, segundo o ex-ministro. "Espremidas entre o aperto das receitas numa época de contenção da demanda e os custos financeiros e salariais, as empresas têm como alternativa diminuir seus quadros de pessoal."

Simonsen apresentou em Salvador uma análise ampla e relativamente nova para a crise econômica internacional. Pela primeira vez, ele falou do "choque dos juros", tão importante quanto os conhecidos "choques do petróleo". Os juros elevaram-se para os empréstimos novos, como também para toda a dívida antiga. "O choque dos juros castigou severamente empresas e países que se haviam endividado no passado; não apenas onerou os empréstimos novos, mas todos os contratados", disse Simonsen. Mais que isso: "O choque dos juros desestabilizou as relações entre crescimento das dívidas e das exportações; o que antes parecia a expansão natural das cifras financeiras de um mundo em desenvolvimento subitamente se transformou num endividamento em bola de neve". Finalmente, o choque dos juros determinou o colapso da reciclagem

bilidade do dólar destruíram o sistema de paridades cambiais fixas, decidido em Bretton Woods". Desde então as incertezas desmontaram o mercado de títulos de longo prazo. "A sequência de improvisações levou o mundo a maior crise desde a década de 30", diz Simonsen. "E castigou duramente as economias indexadas, mostrando quão importante é a flexibilidade de salários e preços em períodos de transformação."

Simonsen acredita que a decisão econômica agora e dos políticos, fundamentando-se na tese de que os técnicos não podem dizer o que fazer, mas simplesmente o que não pode ser feito. "O único cuidado é não cometer erros já praticados por outros países, recomendou."

Antônio Carlos Magalhães concordou, lembrando que não se podem temer decisões nem contrapor técnicos a políticos: "Churchill, por exemplo, não foi o grande ministro da Fazenda da Inglaterra; dizia que quando queria aconselhar-se, chamava dois economistas e, geralmente, saía com três opiniões". Magalhães acha que a decisão deve ser política, considerando que o político que promete o impossível está ultrapassando.

competitiva de recursos entre os bancos privados.

Mas Simonsen ainda mantém o início da crise em 1973, no primeiro choque do petróleo, quando, como diz, o Fundo Monetário Internacional foi marginalizado e o sistema bancário privado encarregou-se de transferir os saldos dos países superavitários para os deficitários.

Durante todo esse período acumulou-se uma série de improvisações casuísticas também desastrosas para a economia. "Os diferenciais de taxas de inflação e a quebra da conversi-